

Non liquet, a palavra antimetafísica de Voltaire

Non liquet, *The Voltaire's anti-metaphysics word*

Danilo Bilate*

Resumo: Trata-se de expor a contraposição crítica de Voltaire à metafísica da linguagem, pelo reconhecimento de seu caráter convencional e conseqüentemente arbitrário. Ademais, quer-se mostrar que tal crítica é harmônica ao projeto humanista de multiplicação de estilos para o texto filosófico.

Palavras-chave: metafísica; linguagem; estilo.

Abstract: It is an article that expose Voltaire's critical counterpoint to the metaphysics of language, by recognizing its conventional and consequently arbitrary character. In addition, it is wanted to show that such criticism is harmonic to the humanistic project of multiplication of styles for the philosophical text.

Keywords: metaphysics; language; style.

Eu não amo o sobrenatural, diz Zadig
(Apêndice)

O nosso olhar não está preparado para Voltaire. Recusam-lhe hoje a dignidade de filósofo, pela indignidade; indignidade da miopia que embaça a força especulativa porque só é capaz de examinar de perto os detalhes do rigor dissertativo. Perde-se assim aquela força sem a qual nada vale esse rigor. E não se vê que não faltava ao poeta, literato, dramaturgo, historiador... filósofo!, o que eles mesmos, os míopes, almejam ou fingem almejar. O rigor, ao contrário, sempre esteve consigo. Teria então a prática filosófica sido empobrecida nesses últimos poucos séculos, domesticada por um ímpeto castrador que apenas permite o que pode suportar? Ou teria sido Voltaire mais um nome notável de uma linhagem marginal, a do classicismo ou humanismo, desde o fim dos romanos marginalizada pela mediocridade própria à institucionalização da escrita filosófica? Mas essas duas hipóteses, por acaso, se contradizem?

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFRRJ. Seropédica, RJ, Brasil. Contato: danielbilate@ufrj.br

Que precisamente Voltaire tenha estabelecido uma oposição explícita ao que poderíamos nomear de metafísica da linguagem, em pleno século XVIII, corrobora o meu ponto: a linguagem é instrumento e como tal deve ser manipulada, jogada, mexida, esgarçada até, se preciso for, para que diga o que se pretende dizer – desde que o diga! E Voltaire o diz, ou faz seu leitor dizer.

“Coloquemos no fim de quase todos os capítulos de metafísica as duas letras dos juízes romanos quando eles não entendiam uma causa: *N. L.*, *non liquet*, isso não está claro”¹. Clareza. É preciso dizer e dizer com clareza. Se não, é preferível calar. *Non liquet* não é uma censura, mas é o dizer, claramente: a metafísica é obscura e o obscuro não diz nada. Ela tenta (tenta?) dizer o mundo por analogia, mas, “ainda uma vez, a natureza é como a natureza. Por que procurar-lhe comparações?”². A metafísica é prolixa³, muito fala e pouco sabe⁴ – ou melhor, como ela não é sujeito, corrijo-me: os metafísicos, ou ainda, as seitas de metafísicos escondem-se em verborragia⁵, afastam-se delirantemente do mais são senso comum, mas com muita firmeza⁶, porque sem a obscuridade não podem existir como seitas:

Ingénuo – [...] toda seita me parece o agrupamento do erro. Diga-me se há seitas de geometria? – Não, minha querida criança, lhe diz suspirando o bom Gordon; todos os homens estão de acordo sobre a verdade quando ela é demonstrada, mas eles ficam muito divididos sobre as verdades obscuras. – Se tivesse havido uma única verdade escondida em tuas acumulações de argumentos que se ruma depois de tantos séculos, ter-se-ia descoberto sem dúvida; e o universo teria ficado de acordo ao menos sobre esse ponto. Se essa verdade fosse necessária como o sol é para a Terra, ela seria brilhante como ele. É um absurdo, é um ultraje ao gênero humano, é um atentado contra o Ser infinito e supremo dizer: há uma verdade essencial ao homem e Deus a escondeu⁷.

¹ *Dictionnaire philosophique*, verbete “Bem (Tudo está)”, p.106.

² *Micromégas*, Cap.2, p.50.

³ “[...] os gregos, que escreveram tantas frases e tão poucas coisas” (*La princesse de Babylone*, Cap.8, p.195).

⁴ Zadig “sabia da metafísica o que não se soube por todas as épocas, isto é, muito pouca coisa” (*Zadig*, Cap.1, p.71).

⁵ Ao falar dos charlatães, menciona Calmet que “compilou muito e que nunca raciocinou” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Circuncisão”, p.196).

⁶ “Esse Descartes sobretudo, após ter fingido duvidar, fala de um tom tão afirmativo do que ele não entende absolutamente” (*Le philosophe ignorant*, 5ª dúvida, p.33).

⁷ *L’ingénu*, Cap.14, p.120.

Afastados do senso comum, afastados da evidência dos sentidos, afastados do mundo e da vida⁸ – assim afastados, na pureza do ideal, os metafísicos perdem de vista a ação⁹, sendo, portanto, inúteis:

Uma multidão de sofistas de todos os países e de todos as seitas me encham de argumentos ininteligíveis sobre a natureza das coisas, sobre a minha, sobre meu estado passado, presente e futuro. Se se lhes fala de comer ou de beber, de vestimentas, de moradia, dos alimentos necessários, do dinheiro com o qual se os consegue, todos se entendem maravilhosamente; se há algumas moedas a ganhar, cada um deles se apressa, ninguém se engana sobre um centavo; e quando se trata de todo o nosso ser, eles não têm uma ideia limpa. O senso comum os abandona; daí eu volto à minha primeira conclusão, que o que não pode ser de um uso universal, o que não está à disposição do homem comum, o que não é compreendido por aqueles que têm mais exercido sua faculdade de pensar, não é necessário ao gênero humano¹⁰.

Escondidos da vida, incapazes de provocar a ação com seus conceitos mirabolantes, os acólitos prestigiam a si mesmos maravilhosamente. A dignidade, de que falávamos acima, é associada estranhamente à “metafísica-teólogo-cosmolonigologia” que ensinava Pangloss¹¹ e pela boca de quem Voltaire tanto a zombava. Da obscuridade (proposital?) nasce a discórdia: “Nós estamos de acordo sobre dois ou três pontos que nós entendemos, e nós disputamos sobre dois ou três mil que nós não entendemos”¹². E da discórdia, nasce a politização da verdade: nós (a seita, as escolas, o livro...) a possuímos e vocês, pela evidência da oposição, não. A verdade é sublime, adjetivo elogioso para o incompreensível¹³. A obscuridade é dignificada, elogiada, desejada, porque sem ela não há nenhum poder. O senso comum é, nesse sentido, fraco, pois ele torna raso. Em uma palavra, o senso comum é democrático: “Por que, pois, retoma o siriano, vocês citam um certo Aristóteles em grego? – É, replica o erudito, que é preciso citar o que não se compreende de modo algum na língua que se entende ainda menos”¹⁴. Antidemocráticas,

⁸ O rei dos búlgaros percebeu logo que Cândido era um “jovem metafísico totalmente ignorante das coisas desse mundo” (*Candide*, Cap.2, p.151).

⁹ “Eles [Bayle e Spinoza] ocuparam o ócio de alguns leitores; é ao que todos os escritos se reduzem; e desde Thales até os professores de nossas universidades, até os mais quiméricos raciocinadores, e até seus plagiários, nenhum filósofo influenciou sequer os costumes da rua onde eles moraram. Por quê? Porque os homens se conduzem pelo hábito e não pela metafísica” (*Le philosophe ignorant*, 24ª dúvida, p.69).

¹⁰ *Le philosophe ignorant*, 25ª dúvida, p.71-72.

¹¹ *Candide*, Cap.1, p.148.

¹² *Micromégas*, Cap.7, p.63.

¹³ “Essa decisão não se entende muito bem; mas ela é apenas mais sublime” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Concílios”, p.203).

¹⁴ *Micromégas*, Cap.7, p.64.

as seitas produzem o distanciamento, proliferam as cisões, reforçam as separações através da ininteligibilidade que fecha seu acesso a quem busca o inteligível, só o abrindo a quem não busca o compreensível e, conscientemente ou não, opta por jogar até o fim com o jargão institucional e com os cargos de prestígio e poder que esse mesmo jogo consolida.

Trata-se, evidentemente, das escolas. “Mil escolásticos vieram em seguida, como o doutor irrefutável, o doutor sutil, o doutor angélico, o doutor seráfico, o doutor querúbico, todos que estiveram bem seguros de conhecer a alma muito claramente, mas que não deixaram de falar dela como se eles tivessem querido que ninguém entendesse nada a respeito”¹⁵. Não é fácil saber se é a costumeira ironia voltairiana que explica o tempo verbal hipoteticamente gentil – “como se eles tivessem querido” – ou se ele supõe um real desejo pela verdade que teria se desvirtuado em obscuridade involuntária. Com efeito, Voltaire reconhece que as escolas foram edificadas para o esclarecimento humano: “Ele [Bacon] fazia tudo o que dependia de si a fim de que essas companhias [as universidades], instituídas para a perfeição da razão humana, não continuassem a deteriora-la por suas *quididades*, seu *horror do vazio*, suas *formas substanciais* e todas as palavras impertinentes que não apenas a ignorância tornava respeitáveis, mas que uma mistura ridícula com a religião tinha as tornado quase sagradas”¹⁶. Mas, precisamente, as palavras usadas pelos escolásticos são “impertinentes”, respeitadas e talvez sacralizadas apenas pelos ignaros¹⁷. O alvo mais recorrente de Voltaire aparece aqui: a religião, como instituição. E ela é ridiculamente misturada com a filosofia, diz ele¹⁸. Então, a dúvida levantada por mim na parte inicial deste parágrafo parece se desfazer. Ironia é a regra maior do texto voltairiano. Anjos, serafins e querubins não combinam com doutores – mistura ridícula. “Como se eles tivessem querido”... Tudo fica um pouco mais claro

¹⁵ Lettres philosophiques, 13ª carta, p.83.

¹⁶ Lettres philosophiques, 12ª carta, p.78.

¹⁷ “[...] instituí-se escolas, universidades, compostas quase todas de eclesiásticos que, não sabendo nada além de seu jargão, ensinaram esse jargão àqueles que quiserem aprendê-lo” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Letras, pessoas de letras ou letrados”, p.349). Da mesma forma, por oposição: “Todo filósofo que se afastava do jargão da escola era acusado de ateísmo pelos fanáticos e pelos canalhas e condenado pelos imbecis” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Ateu, Ateísmo”, seção I, p.78). Imbecis ou não, de todo modo, é preciso sublinhar, os que se afastam do jargão são condenados: “esclareça os homens, você será esmagado” ainda que “o maior lamento de um homem de letras não é [seja] talvez o de ser objeto de inveja de seus coirmãos, a vítima da cabala, o desprezo dos poderosos do mundo; é [mas o] de ser julgado por imbecis” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Letras, pessoas de letras ou letrados”, p.350). Esse é o sentido da importante pergunta: “Mas onde estão os homens que ousam dizer a verdade?” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Juliano, o filósofo”, p.345).

¹⁸ Não por acaso, a lista: “Toda seita, de qualquer tipo que seja, é o agrupamento da dúvida e do erro. Escotistas, tomistas, reais, nominais, papistas, calvinistas, molinistas, jansenistas são apenas nomes de guerra” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Seita”, p.474).

agora: “Em filosofia é preciso desconfiar do que se crê entender muito facilmente, tanto quanto das coisas que não se entende”¹⁹. É preciso desconfiar do que não se entende. Entretanto, aqueles que desejam entrar nas seitas argumentam: “‘O que minha seita ensina é obscuro, eu admito’, diz um fanático; ‘e é em virtude dessa obscuridade que é preciso crer nela; pois ela mesma diz que ela é plena de obscuridades’”²⁰. Absurdo desavergonhado de sua própria absurdidade, o que só é possível no fanatismo.

Mas afinal de contas, o que há de tão mirabolante e, pior, de delirante, nos conceitos da metafísica?

Primeiro erro: ela crê na igualdade. “Não há um sol, dentre todos dos que me aproximei, que se pareça, como dentre vocês não há um rosto que não seja diferente de todos os outros”²¹ é algo que apenas um extraterrestre como Micromégas poderia concluir. Ou talvez um raro sábio como *Zadig*, que “adquiriu logo uma sagacidade que lhe descobriu mil diferenças onde os outros homens não viam nada além de uniformidade”²². Como o mesmo sábio imaginário diz: “Não há duas folhas de árvore sobre a terra, nem dois globos no campo infinito do céu, que sejam semelhantes”²³. Voltaire, filósofo da diferença – sem a tosca falta de clareza de dois séculos mais tarde.

Segundo erro, derivado do primeiro: a metafísica crê que a palavra diz o igual e não o contrário, isto é, que o igual é *produzido* pela palavra. Logo, para Voltaire, a essência ou o sentido, como diríamos hoje, é uma cristalização ilusória existente apenas graças à e na linguagem. Isso porque nossa razão fixa ideias e tal fixidez não se encontra efetivamente no mundo:

A alma também é uma palavra inventada para exprimir fraca e obscuramente os impulsos de nossa vida. Todos os animais se movem; e essa potência de se mover se chama *força ativa*; mas não há um ser distinto que seja essa força. Nós temos paixões; essa memória, essa razão não são, sem dúvida, coisas à parte; não são seres existentes em nós; não são pequenas pessoas que tenham uma existência particular; são palavras genéricas, inventadas para fixar nossas ideias²⁴.

¹⁹ *Lettres philosophiques*, 15ª carta, p.96.

²⁰ *Dictionnaire philosophique*, verbete “Seita”, p.477.

²¹ *Micromégas*, Cap.2, p.52.

²² *Zadig*, Cap.3, p.76.

²³ *Zadig*, Cap.18, p.134.

²⁴ *Dictionnaire philosophique*, verbete “Catequismo chinês”, Terceiro diálogo, fala de Kou, p.119. Nesse diálogo entre Cu-Su e Kou, Voltaire acrescenta uma nota irônica em que diferencia seus dois personagens de Tomás de Aquino e Escoto “cujas almas era muito tenebrosas” e de Calvino e Lutero “cujas almas eram muito duras e muito irascíveis” (p.125, nota). Nesse sentido é que, no mesmo diálogo e pela boca do mesmo Kou, é dito: “eu não sou senhor para crer quando não tenho evidência” (p.121).

Terceiro erro, derivado do segundo: a metafísica – que agora podemos chamar com mais confiança de metafísica da linguagem – crê na substância, como um pano de fundo ou um chão comum, a ser especulado e conhecido. Pois diz Voltaire:

Não podendo ter nenhuma noção que não seja pela experiência, é impossível que possamos saber o que é a matéria. Nós tocamos, nós vemos as propriedades dessa substância; mas essa palavra mesma *substância*, o que está abaixo, nos adverte que esse abaixo nos será para sempre desconhecido: de qualquer coisa que nós descobrimos de suas aparências, permanecerá sempre esse abaixo a descobrir²⁵.

Empirismo extremo. Se há algo “abaixo” não pode ser conhecido e não tem, por isso, importância; se não, não há. Extremo empirismo, mais do que o transcendental de décadas a seguir.

Quarto erro, derivado do terceiro: a metafísica da linguagem crê no sujeito. “Eu sou reputado como sendo a mesma pessoa por aqueles que me viram crescer e que moraram sempre comigo; mas eu não tenho de nenhum modo a mesma existência; eu não sou mais o antigo eu-mesmo; eu sou uma nova identidade: e daí que singulares consequências! [...] As palavras *matérias* e *espírito* são apenas palavras”²⁶. Apenas palavras, demasiadamente humanas, alguém dirá mais tarde. Assim como não há nada que seja igual a nada, e como a quimérica igualdade é inventada pela linguagem para fixar nossas ideias, também a constância o é. A matéria pressupõe a constância. Trata-se, pois, apenas de uma palavra. Com o espírito, a mesma coisa. E não é diferente com essa palavrinha, aqui anacrônica: o “sujeito” é o que *subjaz*, como *substância*, constância ilusória, igualdade ilusória quem tem a linguagem como fonte, ela que fixa o devenida pelo sentido.

Quinto erro, derivado do quarto: a metafísica crê em causas finais.

O senhor prior [o abade Pluche], no *Espetáculo da natureza*, diz ao senhor cavaleiro [Newton] que os astros foram feitos para a Terra e a Terra, bem como os animais, para o homem. Mas como o pequeno globo da Terra gira com outros planetas em torno do Sol, como os movimentos regulares e proporcionais dos astros podem eternamente subsistir sem que haja homens, como há sobre o nosso pequeno planeta infinitamente mais animais do que os meus semelhantes; eu pensei que

²⁵ *Le philosophe ignorant*, 8ª dúvida, p.38.

²⁶ *Le philosophe ignorant*, 29ª dúvida, p.79.

o senhor prior tinha um pouco demais de amor próprio ao se gabar de que tudo tinha sido feito para ele²⁷.

Então, mais uma vez Voltaire vanguardista – dessa vez na esteira do spinozismo – trata-se de ferir o narcisismo humano: as coisas da natureza não são feitas para o homem, a natureza não é feita para o homem, o homem é irrelevante diante das leis da natureza.

Derivação geral, de múltiplos exemplos, desses cinco erros principais: a metafísica crê em seres inexistentes e, por esse motivo, inventa conceitos delirantes e inúteis. Como eu disse, os exemplos são vários. Para citar apenas alguns, não há um “céu” como pano de fundo substantivado dos acontecimentos astronômicos;²⁸ não há “acaso” que fugiria à causalidade natural²⁹ e tampouco “liberdade” como espontaneidade absoluta;³⁰ e, sobretudo, não há efetivamente faculdades humanas senão como meras abstrações, como explica Voltaire: “Não há absolutamente um ser real chamado vontade, desejo, memória, imaginação, entendimento, movimento. Mas o ser real chamado homem compreende, imagina, se lembra, deseja, quer, se move. São termos abstratos inventados para facilitar o discurso”³¹. A lista de exemplos é enorme. Sem necessidade de maiores delongas, citemos:

Pobre pedante, você vê uma planta que vegeta e você diz *vegetação* ou mesmo *alma vegetativa*. Você observa que os corpos têm e geram movimento e você diz *força*; você vê teu cão de caça aprender contigo sua função e você grita *instinto*, *alma sensitiva*; você tem ideias combinadas e você diz *espírito*.

Mas, por favor, o quê você entende por essas palavras? Essa flor vegeta, mas há um ser real que se chama *vegetação*? O corpo empurra um outro, mas ele possui em si um ser distinto que se chama *força*? Esse cão te traz uma perdiz, mas há um ser que se chama *instinto*? Você não riria de um raciocinador (tivesse sido ele preceptor de Alexandre)

²⁷ *Le philosophe ignorant*, 1ª dúvida, p.30.

²⁸ “A linguagem do erro é tão familiar aos homens que nós chamamos ainda nossos vapores, e o espaço entre a Terra e a Lua pelo nome de *céu* [...] não há absolutamente, falando propriamente, *céu*: há uma quantidade prodigiosa de globos que giram no espaço vazio e nosso globo gira como os outros” (*Dictionnaire philosophique*, verbete “Céu dos antigos (O)”, p.195).

²⁹ “[...] sabe-se que o acaso não é nada. Nós inventamos essa palavra para exprimir o efeito conhecido de toda causa desconhecida” (*Le philosophe ignorant*, 13ª dúvida, p.44).

³⁰ “Eu já disse, que sua liberdade [do homem] consiste em seu poder de agir e não no poder quimérico de *querer querer*” (*Le philosophe ignorant*, 51ª dúvida, p.111). “Nós imaginamos que temos o dom incompreensível e absurdo de querer sem outra razão, sem outros motivos além de querer [...] A necessidade moral é apenas uma palavra; tudo o que se faz é absolutamente necessário. Não há de modo algum meio termo entre a necessidade e o acaso: e vocês sabem que não há de modo algum acaso: portanto, tudo o que acontece é necessário” (*Le philosophe ignorant*, 13ª dúvida, p.46-47).

³¹ *Il faut prendre un parti*, cap.10, p. 382. Ver também: “Não há absolutamente um ser particular chamado memória, imaginação, julgamento; mas nós nos lembramos, nós imaginamos, nós julgamos” (*Tout en Dieu*, p. 308).

que te dissesse: “Todos os animais vivem, portanto há neles um ser, uma forma substancial que é a vida”?

Se uma tulipa pudesse falar e te dissesse: “Minha vegetação e eu somos dois seres evidentemente juntos”, você não debocharia da tulipa?³².

Tendo conhecido o diagnóstico voltairiano sobre os erros da metafísica, voltemos à questão do estilo do texto filosófico. Se recusamos as seitas e seus jargões, como escrever um texto filosófico, praticar a filosofia, comunica-la? E ainda, como fazê-lo reconhecendo o caráter ilusório da linguagem? A resposta, me parece, consiste em defender honestamente que a linguagem deve ser usada, da maneira que for preciso, para que os problemas filosóficos sejam postos com a máxima clareza possível e respondidos com soluções – definitivas ou hipotéticas – igualmente cristalinas.

Os sistemas metafísicos colocam em cena textos dissertativos que ignoram o *pathos* como elemento a ser comunicado e isso porque a metafísica mesma sustenta sempre, ou quase sempre, que os afetos devem ser negados a fim de dar à razão a possibilidade de encontrar a verdade sobre o terreno do ideal, isto é, sobre o terreno puro ou sacralizado através da separação do corpo, em suma, o terreno fantasioso das ideias. Tais textos metafísicos preferem a obscuridade e reivindicam-na ao afirmarem que a verdade é inacessível, a menos que nós compreendamos o sistema que nos levaria “seguramente” a ela. Mas a história da metafísica não é a história de sistemas muito diferentes, cada um se garantindo como o melhor ou mesmo o único possível? Como vimos, Voltaire frequentemente debocha desse modo de posicionamento autoprestigiador. De todo modo, o leitor, então, passivo, deve seguir maquinalmente a ordem da argumentação sistemática para compreender a verdade que ali seria desvelada pelo seu mestre – ora, e o mestre, quem mais seria?, é aquele que define o sistema e define precisamente essa regra de iniciação (parodiando Voltaire)³³: “O que eu ensino é obscuro, eu admito, e é em virtude dessa obscuridade que é preciso crer em mim; pois eu mesmo digo que o que ensino é pleno de obscuridades”. O absurdo do fanatismo!

Para estimular os espíritos livres, é preciso, ao contrário, convencê-los da importância em se adotar uma atitude: a de procurar, honesta e corajosamente, a verdade.

³² *Dictionnaire philosophique*, verbete “Alma”, p.46-47.

³³ Ver nota 20 deste artigo. E, já que falamos agora de estilo, em ligação direta com o que falávamos no início do artigo sobre a obscuridade proposital adotada pelas seitas, é também nesse sentido, talvez, que poderíamos compreender o que Voltaire diz quando escreve que “a profusão das palavras é o maior vício do estilo de quase todos os nossos filósofos” (*Questions sur l’encyclopédie*, verbete “Estilo”, seção I).

E, para fazê-lo, é preciso impressionar afetivamente os leitores. É por isso que Voltaire escreveu que “quase sempre as coisas que se diz impressionam menos do que a maneira pela qual se as diz”. O estilo, pois, “faz toda a diferença”, porque ele “torna singulares as coisas mais comuns, fortifica os mais fracos, dá grandeza aos mais simples”³⁴. Como podemos interpretar essa passagem? Tornar singulares as coisas mais comuns não significaria precisamente fazê-las reviver afetivamente a cada vez por cada leitor? Não significaria, então, coloca-lo no lugar ativo e criativo de filósofo, ele mesmo, o leitor? E, para isso, por que não adotar outras formas de escrita, e não apenas a dissertativa, para multiplicar as possibilidades de estabelecer essa relação intercomunicativa?

Por essa outra maneira de conceber a filosofia e, por conseguinte, a redação dos textos filosóficos, por essa outra maneira, portanto, é preciso obrigar os leitores a pensarem ao lerem, é preciso mostra-los o que é filosofar, não por fanatismo, mas por amor à verdade. Voltaire escreve: “Os livros mais úteis são aqueles cujos leitores fazem eles mesmos a metade: eles estendem seus pensamentos dos quais se lhes apresenta o germe, eles corrigem o lhes parece defeituoso, e fortificam por suas reflexões o que lhes parece fraco”³⁵. Para isso, certamente, não é o texto dissertativo sempre – ainda que eventualmente sim – o mais potente. Basta lembrarmos da potência intercomunicativa da metáfora, da analogia poética, da livre imaginação literária...

Nesse sentido, eu poderia concluir este pequeno artigo com a seguinte citação: “O quê concluir de tudo isso? Você que lê e que pensa, conclua”³⁶. Mas eu não poderia perder a chance de usar essa chave de ouro: “Façamos como fazem novecentos e noventa e nove mortais a cada mil: eles semeiam, eles plantam, eles trabalham, eles produzem, eles comem, bebem, dormem, sofrem e morrem sem falar de metafísica, sem saber se há uma”³⁷.

³⁴ *Questions sur l'encyclopédie*, verbete “Estilo”, seção I.

³⁵ *Dictionnaire philosophique*, Prefácio à quinta edição, p.36. Ou ainda: “Leitores atentos, que se comunicam seus pensamentos, vão sempre mais longe do que o autor” (*Traité sur la tolérance*, cap.4, p.53).

³⁶ *Dictionnaire philosophique*, verbete “Sensação”, p.482.

³⁷ *Il faut prendre un parti*, cap.19, p. 396.

Referências Bibliográficas

VOLTAIRE. *Questions sur l'encyclopédie*. In: Œuvres complètes. L'édition Moland. Paris: Garnier, 1875. [Em CD-Rom, 1999-2005].

_____. *L'ingénu / La princesse de Babylone*. Paris: GF-Flammarion, 1995.

_____. *Micromégas / Zadig / Candide*. Paris: GF-Flammarion, 1994.

_____. *Traité sur la tolérance*. Paris: GF-Flammarion, 1989.

_____. *Lettres philosophiques / Derniers écrits sur Dieu* [Tout en Dieu / Réponse au système de la nature / Lettres de Memmius à Cicéron / Il faut prendre un parti]. Paris: GF-Flammarion, 2006.

_____. *Lettres philosophiques*. Paris : GF-Flammarion, 1964.

_____. *Le philosophe ignorant*. Paris: GF-Flammarion, 2009.

_____. *Dictionnaire philosophique*. Paris: Gallimard, 1994.

Recebido em: 29/06/2017 – Received in: 06/29/2017

Aprovado em: 22/07/2017 – Approved in: 07/22/2017